



EDITORIAL / EDITORIAL

GÊNERO

Gender

Élio Estanislau Gasda SJ *

A realidade apresenta evidências de um padrão de violência dirigida às pessoas em razão da sua identidade de gênero ou de identificação com o feminino. São diversos tipos de agressão: física e sexual, econômica e estrutural, cultural/simbólica e religiosa. O Brasil ocupa a 5ª posição no ranking de feminicídios. No mercado de trabalho, além do assédio sexual, as mulheres recebem salários em torno de 25% menores que os homens, mesmo trabalhando 7 horas a mais por semana. A política é outro retrato da misoginia. O Brasil tem 7 milhões de mulheres a mais que homens, mas sua representação nas instâncias do poder é pífia. Dos 513 deputados federais, 55 são mulheres. O país tem 81 senadores, apenas 5 são mulheres. Misoginia, feminicídio, homofobia e transfobia andam juntas. A afinidade com o feminino serve de pretexto para o assassinato de homossexuais, transexuais e travestis. O Brasil é líder mundial nestas modalidades de violência.

Gênero é distinto de sexo biológico e de orientação sexual. Sexo refere-se à diferença biológica entre homem e mulher. Orientação sexual indica por quais gêneros a pessoa sente-se atraída afetiva, física e espiritualmente. Gênero remete à construção cultural dos atributos de masculinidade e feminilidade gerados pelas instituições, organizações e práticas cotidianas. A identidade de gênero se constrói sobre os padrões que uma sociedade

* Élio Estanislau Gasda é professor de Teologia Sistemática do Departamento de Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE).

estabelece para seus membros, define comportamentos, roupas, estilos de vida e códigos morais. “Não se nasce mulher, torna-se mulher” (Simone de Beauvoir)

Gênero, em primeiro lugar, é uma categoria científica, um instrumento das ciências humanas que analisa a construção sociocultural das relações sociais entre os sexos. Os estudos de gênero são heterogêneos. Não há uma teoria uniforme. Abordar gênero é transitar por um conjunto de explicações sobre o que é ser masculino e feminino. Tais abordagens têm raízes na primeira aparição do feminismo com as lutas das *sufragistas* do século XIX pelo direito da mulher ao voto. Durante a *Revolução sexual*, intelectuais como Betty Freidan, Kate Millet e Simone de Beauvoir analisam como características biológicas são utilizadas para justificar desigualdades sociais entre homens e mulheres. Gênero é imposto e se constrói nas relações sociais.

Gênero é um dos princípios de organização social, política e econômica que está na raiz de muitas situações de violência. A desconstrução das ideologias patriarcalistas, quiriarcas e androcêntricas pode levar ao reconhecimento das identidades além do sexo biológico. O conceito inseriu a sexualidade na esfera da disputa das relações de poder. As diferenças sexuais são hierarquizadas dentro de estruturas binárias que privilegiam a presença masculina em grave prejuízo da identidade feminina. Todo sistema patriarcal é construído com base na ideologia da superioridade masculina, pois entende que o homem tem mais direitos que a mulher.

As práticas moldadas nas instituições como a família, religião, escola e governo, constroem sujeitos para agirem como homem ou como mulher. Este binarismo masculino-feminino que se concebe dentro da lógica de dominação-submissão não se restringe ao feminino. A perspectiva de gênero oferece elementos para o reconhecimento da cidadania eclesial e social dos LGBT. A expansão das identidades LGBT nas comunidades cristãs leva a reavaliar a postura da moral católica da sexualidade. A irrupção da presença de cristãos gays provoca a teologia. Da experiência de sujeitos discriminados por sua identidade sexual irrompe uma *Teologia da libertação gay* centrada na mensagem de Jesus Cristo. A desconstrução dos chamados *textos de terror* (principalmente Gn 19,1-25; Lv 18,22; 20,13) acentua a perspectiva relacional fundada no amor cristão. Temas como Criação, Antropologia Teológica, Trindade, Cristologia, Ética, Graça e Pecado, expressões litúrgicas e o acesso aos Sacramentos são revisitados a partir das identidades de gênero.

Queer é outro conceito que vem ampliando o debate. O termo se origina das lutas das minorias por reconhecimento das identidades que não se enquadram na categoria *gay*. É um conceito inclusivo de todos os gêneros *estranhos* ao binarismo homem-mulher. O gênero não abrange apenas a questão feminina ou homossexual. Há indivíduos masculinos que apresen-

tam comportamentos impostos pela cultura como femininos e vice-versa, seus padrões de gênero seriam próprios do outro sexo, ou uma mescla de ambos. São identidades construídas fora da binaridade hetero-homo. O transgênero, por exemplo, não segue a identidade de gênero tradicional, pois a desvincula da dimensão puramente anatômica. O modelo hegemônico não funciona para ele. Transgenerismo, transexualidade e travestilidade são expressões de gênero ao lado dos gêneros homem e mulher. A autodeterminação de gênero abre espaço para os sujeitos que não se acomodam no dado biológico que os define como macho ou fêmea.

Existe uma *teologia homossexual-gay-queer* consolidada nos Estados Unidos e em alguns países europeus. Alguns teólogos latino-americanos têm rompido as barreiras da homofobia e da misoginia, mas, em geral, a reflexão teológica ainda não conseguiu incluir novas categorias. No Brasil, a *teologia queer* ainda se encontra em processo de gestação, quando já se fala em uma *ecoteologia gay* que rompe com a dicotomia imanente-transcendente e utiliza o lugar ecológico de seres sexuados enquanto fonte de interconexão e relacionamento igualitário. A energia erótica que conecta os seres humanos aponta para um vínculo mais profundo com a criação. A *ecologia integral* contempla a sexualidade humana.

Um cristianismo patriarcalizado outorgou aos homens o monopólio da representação divina. A Igreja Católica é uma instituição liderada por homens, mas as mulheres são maioria. Por muito tempo ignorou-se o fato de que o feminino está relegado a posição secundária, pois suas estruturas de governo estão enraizadas no sistema androcêntrico. A história da Igreja está marcada pela teologia patriarcal. Durante muitos séculos se construiu a imagem do Deus masculino que colocou os homens em posição de superioridade em relação às mulheres. Uma teologia majoritariamente feita por homens desconfigurou a representação de Deus e desequilibrou as relações nas comunidades cristãs. Há uma discrepância entre a mensagem da Revelação e as práticas misóginas. Mulheres e homens são criados à imagem divina, mas o conceito preponderante de Deus é o de homem. Imagens e símbolos de culturas patriarcais geraram a desigualdade de gênero na própria Igreja. Somente a volta às fontes da Revelação pode reconstruir relações de comunhão que foram rompidas. A concepção de Deus como misericórdia leva a compreender o exercício do poder de forma equitativa e justa.

O conceito de gênero contribui de forma significativa para a reflexão teológica. Abre perspectivas para a releitura das fontes, da história e da tradição. Mas enquanto a teologia permanecer com conceitos patriarcais, seu discurso continuará ineficaz diante das diversas formas de desigualdade. A teologia tem elementos valiosos para contribuir na superação da retórica da misoginia. A despatriarcalização começa por acolher como Palavra de Deus a afirmação de que todos os seres humanos têm igual

dignidade. Não se trata de um ajuste das mulheres à uma hierarquia dominada pelos homens como se fosse uma concessão, mas de criar novas relações de convivência. O homem não é superior à mulher, nem a mulher superior ao homem. “Deus não é de modo algum à imagem do homem. Deus é puro espírito, não havendo nele lugar para a diferença dos sexos” (Catecismo, §370). A Boa-Nova do “verbo que se fez carne” (Jo 1,14), rompe com todas as formas de discriminação. A relação de Jesus com todas as pessoas discriminadas foi um dos aspectos mais revolucionários de sua vida. Foi o ventre de uma mulher que acolheu o Salvador. Uma mulher foi a primeira mensageira da Ressurreição. Toda pessoa batizada partilha por inteiro do Sacerdócio, Majestade e Missão Profética de Cristo. O Batismo destrói honrarias e hierarquias determinadas pela identidade de gênero (Gl 3,23-28). Então, como insistir na proibição do acesso ao sacramento da Ordem a um fiel em razão de sua orientação sexual ou identidade de gênero?

A questão de gênero não deixa ninguém indiferente. O fato de o conceito abordar a posição da mulher na Igreja, dos novos arranjos familiares, das novas conjugalidades nos relacionamentos afetivos e no reconhecimento da diversidade sexual, correntes religiosas de perfil conservador criaram a narrativa denominada “Ideologia de gênero”. A Igreja está impregnada do imaginário da cultura ocidental. Classificar as “teorias de gênero” como “ideologia” é um reflexo do influxo da cultura machista. Abordar questões de gênero não se resume a retirar privilégios de um grupo, mas em libertar a todos de um modelo de relações alicerçado na discriminação. Para pensar as questões de fronteira é preciso desprover-se de preconceitos. “Na América Latina e no Caribe é necessário superar a mentalidade machista que ignora a novidade do cristianismo, onde se reconhece e se proclama a igual dignidade e responsabilidade da mulher em relação ao homem” (Doc. de Aparecida, 453).

A mulher, juntamente com os pobres e humilhados, é a principal força de renovação da Igreja. É hora de multiplicar sua presença na formação do povo de Deus, promover sua contribuição nos campos teológico, bíblico e no governo da Igreja. Papa Francisco pede uma teologia das mulheres, está empenhado na restauração do ministério das diaconisas. “Que o sacerdócio seja uma possibilidade restrita apenas para os fiéis varões, certamente, não está ajudando a Igreja a se apresentar como uma pioneira da igualdade de direitos” (Reinhard Marx, cardeal de Munique).

Há uma perspectiva cristã de gênero. A finalidade da diferença sexual entre as pessoas não é a subordinação, mas a comunhão. Somos todos irmãos e irmãs. O conceito não elimina as diferenças, mas visa erradicar as desigualdades. Se por um lado não há como pensar modelos de sociedade e de Igreja prescindindo do componente biológico, por outro, não há como negar o impacto das culturas e das estruturas sociais e eclesiais na

configuração dos papéis de gênero. Ao favorecer uma nova compreensão do ser humano e contribuir com o anúncio do Evangelho, esta categoria é um sinal dos tempos. Tão importante que produzir novas teorias é construir um mundo em que as pessoas possam viver sua própria identidade e vivam relações de irmandade. Neste sentido, o Papa Francisco esclarece qual deve ser a atitude da Igreja para com as pessoas transexuais: “Acolher, acompanhar, escutar, discernir e integrar. Isto é o que faria Jesus hoje” (coletiva de imprensa: 02/10/2016).

A igualdade de gênero é uma questão de justiça, é um passo na garantia dos direitos humanos e contribui na vivência do **Evangelho**. Nenhum indivíduo se resume à sua identidade de gênero. Seu valor não vem do sistema de normas socioculturais, morais ou religiosas. Deus infere a cada um a mesma e inalienável dignidade, sua própria imagem e semelhança e o torna destinatário de sua Graça. Portanto, “cada pessoa, independentemente da própria orientação sexual, deve ser respeitada na sua dignidade e acolhida com respeito, procurando evitar qualquer sinal de discriminação e, particularmente, toda a forma de agressão e violência” (Amoris Laetitia, 250).